

Um amigo que nunca me abandona

Jorge Vasconcellos e Sá, numa edição do autor, publicou o folheto “Pegadas na Vida: o exemplo de Mons. Escrivá”, em que sublinha algumas das facetas da personalidade do autor do “Caminho”: a concentração, a devoção, a laboração, a oração, a humildade, o pragmatismo, a jovialidade, as limitações. Recolhemos a seguir as principais passagens do prefácio.

05/09/2002

«Quando um amigo me convidou para ir à primeira reunião do Opus Dei, estava longe de imaginar o impacto que teria na minha vida.

Do Opus Dei tinha ouvido falar pouco; vagamente; e frequentemente mal. Perante a insistência acedi. Muito por delicadeza. Um pouco por curiosidade. Nada por interesse.

O meu objectivo era passar um serão repousado, desapercivelmente. Cheguei cedo a casa do meu amigo, instalei-me num sítio discreto e comecei a implementar o plano. Preparei-me para (o que eu julgava ser) uma experiência a não repetir. Não podia estar mais enganado.

A primeira surpresa foi dada pelo Afonso (Braga da Cruz) quando nos

olhou serenamente, sorriu e disse:
"São dez da noite. Hora de
começarmos. Esperemos dois
minutos pelos atrasados..."

Habitado a pessoas com problemas
com o relógio, que não respeitam
nem o seu, nem o tempo dos outros,
tempo, esse grande recurso escasso
na vida, não acreditei e voltei ao
plano inicial. Estava novamente
errado.

... Às dez e dois minutos (!), estava já
eu de pé, após o Afonso se ter
levantado e ter dito: "Oremos".

Esta foi a primeira das surpresas que
o Opus Dei trouxe à minha vida.
Gente para quem fazer bem as suas
tarefas e cumprir cabalmente os seus
deveres, é uma parte integrante da
sua relação com Deus. O trabalho é
central, já que nos permite, na nossa
infinita pequenez contribuirmos
para a criação divina.

Depois, como a missa se faz todos os dias e a todas as horas, é necessário periodicamente parar, meditar, decidir. E é aí que entram aquilo que designo por reuniões de “planeamento estratégico”: os círculos de cooperadores e amigos.

Funcionam como um bálsamo no turbilhão da vida. Primeiro, a meditação sobre uma passagem do Evangelho. Depois, a reflexão sobre um entre vários temas: as virtudes; as encíclicas; os trechos da doutrina. No fim, o exame de consciência. De perguntas sempre repetidas e de respostas sempre fracassadas: Tenho perdido tempo? Organizo o meu trabalho de modo a não prejudicar a minha dedicação à família? Sei ceder gostosamente nas minhas preferências de modo a contribuir para um bom ambiente familiar? Preocupo-me com a minha formação profissional e o meu trabalho, para

melhor servir os homens e dar maior glória a Deus?

Mas mais que tudo, o Opus Dei deu-me a conhecer um grande amigo. Que desde o início nunca mais me abandonou. Que me acompanha sempre, sem se intrometer. Com quem comunico, sem falar. Que escuto, sem ouvir. A quem pergunto frequentemente: "O que farias no meu lugar?"

Verdade que nem sempre concordo com ele: "Não pode ser.. mas então... achas que... ? Vê lá... ", mas acaba sempre por ter razão. E por me corrigir, suave, fraternalmente.

Desde que o conheci, nunca mais me senti só. Nos momentos chave, está sempre presente. E mesmo quando o desiludo, ele não me falha. Compreende... e compreende-me. Sempre. O nome desse amigo? Chama-se Josemaría... Escrivá.»

Jorge A. Vasconcellos e Sá é
Professor Catedrático da
Universidade Técnica de Lisboa, Phd
Columbia University, titular da
Cátedra Jean Monnet.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/um-amigo-que-
nunca-me-abandona/](https://opusdei.org/pt-pt/article/um-amigo-que-nunca-me-abandona/) (19/01/2026)